

ELEVATED SERUM TOTAL IGE – A POTENTIAL MARKER FOR SEVERE CHRONIC URTICARIA.

Kessel A, Helou W, Bamberger E, Sabo E, Nusem D, Panassof J, Toubi E.

Int Arch Allergy Immunol 2010; 153: 288-93.

Introdução: Níveis elevados de IgE têm sido descritos em doentes com urticária crónica (UC), desconhecendo-se, no entanto, o seu significado.

O objectivo deste estudo foi avaliar os níveis de IgE total nestes doentes e estabelecer uma relação com a gravidade e duração da UC, o teste de soro autólogo (TSA) e os anticorpos antitiroideos (AAT).

Métodos: Através de um estudo prospectivo foram avaliados 203 doentes com UC. Foi colhida uma história pessoal/familiar detalhada e realizados testes cutâneos por picada a aeroalergénios (excluíram-se doentes com atopia, urticária física, intolerância alimentar e infecção crónica). Foi efectuado o doseamento de AAT e IgE total, esta foi considerada elevada quando acima de 175 U/mL e comparada com um grupo controlo de 81 indivíduos não atópicos. O TSA foi efectuado em 83,5% dos doentes. Foi igualmente avaliada a gravidade clínica na altura do diagnóstico, através de uma escala com número de episódios e de lesões, duração e prurido associado.

Resultados: A IgE total revelou-se elevada em 34% dos doentes, em comparação com 8,6% dos controlos ($p < 0,001$). A UC foi classificada como ligeira em 23,2% dos casos, moderada em 33% e grave em 43,8%. Foi encontrada uma associação significativa entre IgE aumentada e gravidade da UC, visto que 93% dos doentes com IgE elevada apresentavam urticária moderada-grave, enquanto apenas 69% destes tinham IgE normal ($p < 0,0001$).

O TSA e os AAT foram positivos em 36% e 15% dos doentes, respectivamente. Observou-se também uma associação significativa entre o aumento da IgE e a positividade do TSA, a presença de AAT e a duração da UC superior a 25 meses ($p < 0,0001$, $p < 0,0001$ e $p = 0,021$, respectivamente).

Discussão: Neste estudo, um terço dos doentes com UC tinham IgE significativamente elevada, em comparação com o grupo controlo. De acordo com estudos prévios, a gravidade da doença parece estar associada à presença de TSA positivo e AAT, assim como à duração da doença. Os autores realçam o facto de este estudo estabelecer uma associação significativa entre a elevação da IgE total e a gravidade da UC, assim como a positividade do TSA, o que reflecte a complexidade desta patologia. Assim, sugerem que os níveis de IgE total deveriam ser avaliados em todos os doentes com UC como um possível marcador de gravidade em doentes não atópicos.

Comentários: Sendo a UC uma patologia frequente e, por vezes, difícil de orientar, a existência de um marcador que se relacione com a gravidade da doença pode ter interesse prático. A avaliação subjectiva dos doentes poderia assim ser complementada com um marcador de gravidade. No entanto, a utilização da IgE total na abordagem inicial não parece ser novidade, visto que já vem sendo utilizada com frequência. Interessante é a relação estabelecida com o TSA e os AAT, o que reforça, de facto, a presença de um mecanismo autoimune subjacente em alguns doentes e poderá ter implicações a nível terapêutico. Em aberto fica também a possibilidade de tratar estes doentes com terapêutica anti-IgE.

Ana Leblanc

COMPARISON OF IGE-BINDING CAPACITY, CROSS-REACTIVITY AND BIOLOGICAL POTENCY OF ALLERGENIC NON-SPECIFIC LIPID TRANSFER PROTEINS FROM PEACH, CHERRY AND HAZELNUT

Christina Hartz, Iris Lauer, Maria del Mar San Miguel Moncin, Anna Cistero-Bahima, Kay Foetisch, Jonas Lidholm, Stefan Vieths, Stephan Scheurer.

Int Arch Allergy Immunol 2010; 153:335-46.

Introdução: Nos países mediterrânicos, a alergia a frutos da família das rosáceas associa-se habitualmente a *non-specific lipid transfer proteins* (nsLTPs). Para avaliar as propriedades alergénicas de diferentes nsLTPs, o Pru p 3 (nsLTP do pêssego) foi comparado com a nsLTP da cereja (Pru av 3), membro da mesma família taxonómica, e com a nsLTP da avelã (Cor a 8), representante das nsLTPs das não rosáceas.

Métodos: Estudo retrospectivo de 50 doentes com história de reacção alérgica a pêssego (n=43), cereja (n=22) ou avelã (n=26), recrutados no Instituto Universitari Dexeus, Barcelona. Realizaram-se testes cutâneos por picada (TCP) com extractos comerciais de pêssego, cereja e avelã, e determinou-se a IgE sérica específica (sIgE) para estes extractos, Pru p 3, Pru av 3 e Cor a 8 por ImmunoCAP®. A capacidade de ligação à IgE foi avaliada por *immunoblotting*. A reactividade cruzada entre nsLTPs foi determinada por ELISA com inibição. Os ensaios de libertação de histamina foram realizados com basófilos de dadores previamente depletados de IgE, incubados com o soro dos doentes contendo IgE anti-nsLTPs e com diferentes concentrações do alergénio.

Resultados: Não se verificou alergia a cereja sem alergia a pêssego, mas verificou-se tolerância a rosáceas em 7/26 doentes alérgicos a avelã. As frequências de sensibilização e medianas de sIgE a Pru p 3, Pru av 3 e Cor a 8 foram 88% e 6,83 kU/L, 77% e 3,98 kU/L e 85% e 2,74 kU/L nos doentes alérgicos a pêssego, cereja e avelã, res-

pectivamente. Pru p 3 e Pru av 3 apresentaram capacidade de ligação à IgE sobreponível, independentemente da alergia a cereja nos doentes alérgicos a pêssego. A sensibilização a Pru p 3 associou-se a sensibilização a Cor a 8, independentemente de alergia a avelã. Todos os doentes sensibilizados a Cor a 8 ou Pru av 3 apresentaram sensibilização a Pru p 3, independentemente da alergia a pêssego. A ligação à IgE do Pru p 3 foi parcialmente inibida pelo Cor a 8 e a ligação ao Cor a 8 foi totalmente inibida pelo Pru p 3. O Pru av 3 apresentou propriedades de inibição semelhantes ao Pru p 3. Comparando com as nsLTPs das rosáceas, o Cor a 8 induziu menor libertação de histamina em basófilos, sendo necessária uma maior concentração de alergénio para activação.

Discussão: Considerando a frequência de sensibilização, o padrão de ligação à IgE e os valores de sIgE, postulou-se o Pru p 3 como agente sensibilizador primário, mesmo nos casos de sensibilização a nsLTPs de não rosáceas.

Comentários: As nsLTPs são panalergénios expressos em várias famílias de plantas e pólenes. Apresentam elevada alergenicidade, possivelmente associada à sua estabilidade térmica e digestiva, podendo ser responsáveis por reacções severas. Ao contrário de outros panalergénios (profilinas e PR-10), em que a sensibilização ocorre primariamente por inalação (polinose), a sensibilização primária a nsLTPs parece ocorrer por via digestiva, demonstrando este trabalho a importância do Pru p 3 como sensibilizante primário. Dada a prevalência de sensibilização a Pru p 3 nos doentes alérgicos a avelã, e estando as nsLTPs presentes noutros frutos secos, na região mediterrânica poderá ser importante a determinação da sensibilização a pêssego/Pru p 3 nos doentes alérgicos a frutos secos. A correcta identificação do alergénio responsável por síndromes de reactividade cruzada permite prever a probabilidade de reacções sistémicas e a possível tolerância ou alergia a frutos de outras famílias, facilitando a correcta orientação do doente.

Ana Reis Ferreira